



**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes  
Licenciatura em Teatro**

**O estudo dos jogos teatrais vivenciados por  
deficientes intelectuais tendo em vista o desenvolvimento social**

Eliane Aparecida Leite Martins Sampaio

Itapetininga – SP  
2011

Eliane Aparecida Leite Martins Sampaio

**O estudo dos jogos teatrais vivenciados por  
deficientes intelectuais tendo em vista o desenvolvimento social**

Monografia apresentada ao Departamento  
de Artes Cênicas da Universidade de  
Brasília como requisito básico para  
a obtenção do título de Licenciado em  
Teatro.

Orientadora: Prof. Ana Maria Agra Guimarães  
Prof. Dr. César Lignelli

Itapetininga – SP  
2011

ELIANE APARECIDA LEITE MARTINS SAMPAIO

**O estudo dos jogos teatrais vivenciados por deficientes intelectuais tendo em vista o desenvolvimento social**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas - CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação da professora Doutora Ana Maria Agra Guimarães.

Itapetininga, 15 de dezembro de 2011

---

**Professora Mestre Giselle Rodrigues de Brito**

---

**Professor Mestre Fernando da Silva Martins**

Dedico este trabalho a meus filhos Flávia e Eduardo que, tendo nascido num tempo com tantas diversidades e preconceitos, me impulsionam a acreditar e a buscar um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu bem maior

Agradeço ao meu marido, companheiro e amigo Benedito Aparecido Del Antonio Sampaio que sempre me incentivou e esteve ao meu lado em todos os momentos para que eu me dedicasse e realizasse este curso.

Agradeço as minhas companheiras de luta Andréia Aparecida Elias e Luciana Correa Damas por me auxiliarem nas horas em que necessito de uma luz.

Agradeço ao meu querido tutor presencial Professor André Luiz de Camargo, que contribuiu comigo na busca de novos saberes.

Agradeço aos meus colegas de luta : José Geraldo Fogaça de Almeida, Janice Aparecida Gonçalves e Maria Helena Bueno Gurgel, por estarem a meu lado nesse novo momento em que a educação à distância começa a ser valorizada.

Agradeço a APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itapetininga, na pessoa do seu Presidente Alexandre Leme de Oliveira, que me abriu as portas da entidade para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa.

Agradeço a Professora da APAE Nair Batista Lemos de Ponte, pessoa dedicada e incentivadora da luta pela inclusão dos deficientes em Itapetininga.

Agradeço a Professora Ana Maria Agra Guimarães por todas as orientações dadas com muita atenção.

Agradeço a equipe do Pólo de Itapetininga, na pessoa da Coordenadora Professora Vera Abdala, bem como aos dedicados funcionários Silene e Fabrício que, certamente sem eles, seria muito difícil chegarmos ao fim dessa jornada.

## RESUMO

A Arte é um fator preponderante na superação das desigualdades sociais, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades criadoras e da humanização. Com vistas à integração e a socialização de seus alunos, a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itapetininga, vem desenvolvendo há seis meses uma Oficina de Jogos Teatrais e é neste contexto que se observa, analisa e comprova a aplicação dos jogos teatrais, como um benefício ao desenvolvimento cognitivo, motor e também social. Através da história da inclusão é visto que ocorreram várias mudanças com relação à forma de se ver e aceitar o deficiente intelectual, sendo que a escola vem passando por sensíveis transformações, onde a inclusão é tratada hoje como um dos fatores essenciais para o exercício da cidadania e a família de primordial importância para a inclusão social. Os jogos e as brincadeiras são ferramentas que devem ser desenvolvidos na escola como um recurso pedagógico, pois além de contribuir para a criação de regras de comportamento, atua no desenvolvimento proximal, onde o aluno consegue realizações numa situação de jogo, o qual ainda não é capaz de realizar numa situação de aprendizagem formal.

Palavras chaves : Jogos Teatrais. Deficiência Intelectual. Desenvolvimento Social

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CNE - Conselho Nacional de Educação

INES - Instituto Nacional da Educação dos Surdos

LDBEN – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

MEC - Ministério da Educação e Cultura

SEESP – Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais,

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1. EXCLUSÃO</b>	<b>09</b>
<b>1.1. A Exclusão ao longo dos Tempos</b>	<b>09</b>
<b>1.2. Propostas da Educação Inclusiva no Brasil</b>	<b>13</b>
<b>1.3. Importância da Arte para a Educação Inclusiva</b>	<b>15</b>
<b>2. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA</b>	<b>17</b>
<b>2.1. Deficiente Intelectual - Definição</b>	<b>17</b>
<b>2.2. Como vem acontecendo a Inclusão do Deficiente Intelectual nas Escolas</b>	<b>19</b>
<i>2.2.1. O progresso do deficiente intelectual com a arte</i>	<b>20</b>
<b>2.3. O Ensino da Arte na Educação para Deficientes no Brasil</b>	<b>21</b>
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>23</b>
<b>3.1. Desenvolvimento dos trabalhos</b>	<b>24</b>

## CONCLUSÃO

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ANEXO A

1. Entrevista com Diretor, Professores e funcionários da APAE
2. Entrevista com Pais de alunos da APAE

### ANEXO B

Plano de trabalho

### ANEXO C

Plano de Aula

## FOTOS



## **INTRODUÇÃO**

Os jogos teatrais vêm ganhando espaço nos ambientes escolares, fazendo com que os alunos vivenciem experiências e conhecimento do mundo a sua volta, desenvolvendo senso crítico e de reflexão. Como um agente facilitador da aprendizagem, colabora na educação do aluno, estimula, promove o autoconhecimento e a autonomia também dos alunos com deficiências intelectuais.

Neste sentido e visando também a integração e a socialização de seus alunos, a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itapetininga vem desenvolvendo uma Oficina de Jogos Teatrais, com o auxílio de Professores Voluntários.

Através das aulas nessa Oficina, pretendo observar a vivência desses alunos nos jogos teatrais e o desenvolvimento social, que podem obter através deles, auxiliando também na elaboração das atividades a serem aplicadas, transmitindo a minha experiência pessoal, o que aprendi e a conscientização dos benefícios dos jogos teatrais, que adquiri através do curso de Licenciatura em Teatro.

Devido à experiência pessoal com deficiente intelectual, o assunto me chamou a atenção de forma especial levando, a convivência e a perspectiva de trabalho em torno desse tema, a estudar e a analisar as experiências com jogos teatrais para compreender e exercitar melhor o comportamento e a socialização dessas pessoas tão necessitadas de apoio, tanto no convívio familiar quanto em sociedade.

## **1. EXCLUSÃO**

### **1.1. A Exclusão ao longo dos Tempos**

A exclusão no Brasil vem sofrendo ao longo de décadas transformações importantes, quer sejam raciais, religiosas, sociais ou intelectuais, embora de forma atrasada, se comparado a países da Europa ou da América do Norte. Leis, normativas e resoluções vêm sendo criadas, como forma de interagir na construção do entendimento comum das diferenças, pois através da evolução ou mudanças que ocorrem na forma de organização da nossa sociedade, diretamente refletirá na estrutura das instituições que a compõem e dos indivíduos que dela participam.

É de extrema importância para a sociedade que exista um processo de inclusão, pois só dessa maneira teremos a manutenção e a instalação de um Estado democrático. Segundo o Parecer CNE/CEB nº 17/2001, o Estado deve garantir acesso a todos de forma contínua, considerando o espaço comum a vida em sociedade, devendo estar também orientada por relações de acolhimento aos diferentes, aceitando e se esforçando coletivamente para equiparação de oportunidades, em todas as fases da vida do indivíduo.

A humanidade sempre excluiu a pessoa com deficiência, visto que se dava total importância a sua incapacidade física e anormalidades. As crianças deformadas, até o século XV, eram depositadas nos esgotos da Roma Antiga. Na Idade Média, começaram a encontrar abrigo nas igrejas, muito embora a maioria adquirisse a função de Bobos da Corte.

Era defendido por Martinho Lutero que o deficiente mental não passava de uma criatura diabólica, merecendo castigos para sua purificação. A partir do século XVI ao século XIX, esses deficientes físicos e mentais permaneceram isolados do resto da sociedade, contudo em asilos, conventos ou albergues, que não passavam de meras prisões, sem tratamento algum ou qualquer programa educacional. O deficiente não era produtivo, mas ganhava o “status” humano e possuidor de alma, passando a igreja e a família assumir a custódia e os cuidados.

A “Inquisição Católica” e a “Reforma Protestante” são dois momentos marcantes para as pessoas com deficiências, pois a sociedade era regida por leis divinas, dominada pela Igreja Católica, onde qualquer pessoa que abalasse suas idéias e estruturas era categoricamente exterminada, classificadas como hereges ou endemoniadas, entre elas os adivinhos, loucos e os deficientes.

A “Reforma Protestante”, neste contexto, não era diferente da inquisição católica, existindo também a rigidez carregada de culpa, mas com a responsabilidade pessoal. De acordo com Isaias Pessoti (1984), o entendimento do que vinha a ser deficiência variou em função das noções teológicas do pecado e da expiação, sendo que a partir do momento em que lhe faltava a razão, era tido com uma besta demoníaca, necessitada de auxílio divino.

Desta forma a sociedade não tolerava o deficiente e o punia com abandono, açoite, prisão, tortura etc., já que os considerava possuídos pelo demônio, tratando a deficiência como um fenômeno metafísico e espiritual.

Na Idade Moderna o momento era de observação, com as hipóteses sendo valorizadas, além de serem empreendidos grandes esforços para desvendar as leis da natureza, ficando as discussões referentes às leis divinas em segundo plano.

Para Pessoti (1984), a hereditariedade ou a doença congênita toma o lugar da fatalidade enviada por Deus, o prognóstico é feito exclusivamente pelo médico, recebendo a missão de ser o novo responsável pelo destino do deficiente, que em sua maioria não convivem em sociedade e são trancafiados em hospícios e manicômios para tratamentos, durando a vida toda.

A seguir, o centro dos questionamentos passa a ser o próprio homem na sociedade, que não associa mais fé, razão, dedução, trabalho e técnica, modificando os procedimentos também com relação aos deficientes, ofertando oportunidades de integração social por intermédio das escolas. Estamos modificando as nossas atitudes, garantindo os direitos dos deficientes, oportunizando ações para seu desenvolvimento e melhor qualidade de vida, num processo ainda bem longo de inclusão.

Em 1854 é criado o Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant e em 1857 o Instituto Nacional de Educação de Surdos Mudos, atualmente denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, no Rio de Janeiro.

Muitos anos depois, em 1926 surge uma importante organização especializada no atendimento às pessoas com deficiência, o Instituto Pestalozzi, através da grande pesquisadora e educadora de crianças com deficiências, Professora Helena Antipoff, que revolucionou os procedimentos naquela época, atendendo as crianças deficientes e suas famílias.

Décadas depois, em 1961 é criada a LDBEN nº 4.024 – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assegurando aos “excepcionais” à educação, dentro do sistema geral de ensino, sem se pensar na formação dos professores e em 1971 é criada a Lei nº 5692 que prevê tratamento especial para deficientes físicos e mentais e os superdotados, reforçando de

certa forma a condição do deficiente dentro do ambiente escolar. Ocorreram várias mobilizações em torno da instalação de órgãos e coordenações, que garantissem as ações direcionadas aos ditos especiais, mas pouco de forma efetiva, já que os professores continuaram esquecidos, com relação a um preparo mais acentuado para se trabalhar com as diferenças.

A década de 80 foi para o Brasil uma era marcada por lutas sociais, mobilizada pela população marginalizada, com ênfase na integração social, mudanças essas mais nas intenções que nas ações, mas que estabeleceram o envolvimento do Governo, criando através da Constituição Federal de 1988, o estabelecimento da integração escolar enquanto preceito constitucional, recomendando o atendimento às pessoas com deficiência, na rede de ensino público regular, não possuindo indicações efetivas de quais procedimentos devesse ser adotado para esse fim.

Podemos perceber que isso tudo pontua o quanto a Educação Especial era secundária nos planos das políticas públicas, marcada por uma trajetória feita de forma descontínua e só a partir da década de 90 as discussões se tornam mais significativas.

A Política Nacional de Educação Especial, formatada em 1994, determinava que a pessoa com deficiência fosse encaminhada a classe de ensino regular, desde que conseguisse seguir o ritmo dos alunos ditos normais, sendo reforçado através da Lei nº 9.394, de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a determinação da sua inclusão em sala de ensino regular, assegurando o atendimento das suas necessidades educacionais.

Algumas outras leis e resoluções foram criadas no Brasil, buscando sempre o fim da exclusão, como a Resolução CNE/ CEB nº 2/2001 que determina que “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais...”(MEC/SEESP, 2001).

Vemos que muito temos ainda por fazer no Brasil, para que a inclusão seja tratada como efetiva. A nossa sociedade precisa identificar o que cada comunidade necessita e para isso é essencial o planejamento e a experimentação. A garantia ao acesso das pessoas deficientes necessita de recursos e conscientização, sabendo-se que não construímos isso através da instalação de decretos, resoluções ou leis simplesmente, da noite para um dia.

Temos a inclusão instituída por leis, com muitos professores ainda não capacitados para se trabalhar a inclusão em sala de aula, potencializando assim as ações discriminatórias dos alunos ditos normais e uma variante de alunos necessitados de aprendizagem discriminados. Há de se ter envolvimento efetivo e coletivo, não partindo a inclusão apenas das mães e pais e também dos deficientes, mais sim de toda a sociedade.

## **1.2. Propostas da Educação Inclusiva no Brasil**

O primeiro atendimento educacional especializado para pessoas deficientes mentais iniciou-se em 1954, com o surgimento da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, instituição essa disseminada no Brasil todo, tendo a sua instalação em várias cidades do nosso país, entidade filantrópica, sem fins lucrativos, totalmente voltada à educação de crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual.

Através da Constituição Brasileira de 1988, ficou assegurado o direito de todos à educação, com a intenção de reforçar a obrigatoriedade do país em atender a necessidade de educação como um todo. Em dezembro de 1996 foi instituída a Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, expressando um importante avanço na educação brasileira, onde a pessoa com necessidades especiais também tem seus direitos assegurados.

Nessa mesma lei, no Capítulo V, artigo 58, é recomendado que a educação especial deva ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino e se necessário ser oferecido serviço especializado de apoio, referindo-se a inclusão.

A preparação do professor é de suma importância, quer seja o educador de classe comum, quer seja para atender os alunos com necessidades especiais, pois o sucesso da sua intervenção como professor depende exclusivamente das práticas pedagógicas que vai ministrar aos seus alunos, tendo que estar habilitado para tal.

Vale destacar que a formação do docente tem que abranger a sua contínua capacitação, supervisão e avaliação, pois segundo Ana Maria Sadalla (1997) a formação vai além da

presença do professor em cursos, onde o objetivo é a mudança de ação no processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao próprio professor a responsabilidade de se manter atualizado.

A inclusão educacional necessita do envolvimento de toda a comunidade escolar, docentes, diretores, funcionários, além dos próprios pais, pois agindo coletivamente as ações, quer sejam pedagógicas, administrativas ou pessoais, se interligarão, criando relações compatíveis com os recursos e meios para atender todas as necessidades do aluno a ser incluído.

Precocemente, Lev Semenovitch Vygotski via a educação inclusiva como perfeitamente possível, pois considerava que partindo do princípio de que o deficiente tivesse a possibilidade de acesso aos signos, a sua capacidade de construir estruturas mentais complexas se disponibilizariam, bastando que a sociedade desse meios para tal, caso contrário a sua segregação faria dele um indivíduo limitado, perpetuando o seu déficit cultural, sendo essa a linha de trabalho da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itapetininga

Vemos em nossa sociedade o crescimento da integração e dos direitos, muito embora o fator assistencialista ainda esteja muito presente entre nós. O indivíduo passa a ser visto por intermédio das relações que estabelece com os outros homens, ajudando e sendo ajudado, numa forma de socializar-se e integrar-se e como diria Lígia Assumpção Amaral:

Beneficiando-se (ou ajudando a promover?) de toda uma reavaliação dos direitos humanos e na esteira que inclui a mulher, a criança, o índio, o negro, o idoso... a pessoa com necessidades especiais pode começar a ser olhada e a olhar para si mesma, de forma menos manequista: nem herói nem vítima, nem deus, nem demônio, nem melhor nem pior, nem super-homem nem animal. Pessoa. (AMARAL, 1994, p. 15)

No Seminário Internacional do Consórcio da Deficiência e do Desenvolvimento, referente a educação inclusiva, ocorrido em 1998, na Índia (Wikipédia.org- Educação Inclusiva), só é determinado inclusivo o sistema educacional que reconhecer que dentre alguns quesitos, todas as crianças podem aprender, respeitando as diferenças, tendo como parâmetros a idade, o sexo, a etnia, a língua, a deficiência, a classe social, e também seu estado de saúde, atendendo a todas as suas necessidades, observando ainda, que todo esse

processo tem que ser dinâmico, não devendo se restringir ou se limitar por salas de aula numerosas, nem por falta de recursos materiais.

Sabemos que a proposta para a educação inclusiva é a de que o aluno adquira meios e experiências para que possa exercer a sua autonomia e independências de forma plena, e o único meio viável para isso é a sua vivência em sociedade, onde possa, mesmo de forma diferenciada ou limitada, agir e expor suas idéias.

A necessidade não é a de caridade ou paciência e sim de respeito, técnica e capacitação para se tratar disso e é nesse contexto que temos desde 1998 os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto, contendo também uma proposta educacional para os deficientes :

A inclusão escolar constitui, portanto, uma proposta politicamente correta que representa valores simbólicos importantes, condizentes com a igualdade de direitos e de oportunidades educacionais para todos, em um ambiente educacional favorável. Impõe-se como uma perspectiva a ser pesquisada e experimentada na realidade brasileira, reconhecidamente ampla e diversificada. (PCN's, p.17, 1998)

A caminhada ainda é longa para se possibilitar um sistema educacional mais abrangente e inclusivo, mas totalmente viável, pois não temos apenas que criar possibilidades para os alunos considerados deficientes e sim que a sociedade tenha uma escola mais democrática e sem discriminações, propensa a lidar concretamente com os alunos heterogêneos, enquanto cidadãos que possuem direitos de aprender, a desenvolver-se e a modificar sua condição social.

### **1.3. Importância da Arte para a Educação Inclusiva**

Vemos nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, a elaboração de uma

proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (LDBEN, 1998).

Para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos temos que, além do compromisso em educar, ter vontade e esforço, bem como o entendimento de que cada aluno tem as suas necessidades específicas, ainda mais se tratando de um aluno especial.

Vygotski contribuiu muito para o entendimento quanto à produção de novos significados no processo da educação inclusiva de pessoas com necessidades especiais, destacando:

- . os processos psicológicos superiores nasce por intermédio dos processos sociais e com a natureza social, na ótica da constituição mútua de fenômenos individuais e sociais;
- . obrigatoriamente mediada por outro sujeito, a origem do processo de conhecimento esta relacionada entre sujeito e o objeto a ser conhecido.
- . o indivíduo que teve o seu desenvolvimento complicado por algum defeito, não é menos desenvolvida que uma criança normal, é uma criança com outro desenvolvimento.

Temos nos Parâmetros Curriculares Nacional - PCN o ensino da Arte com uma importante função social, pois por possuir uma forma rápida de comunicação, possibilitando, através dos sentidos, uma grande relação do individuo com o meio é capaz de atingir as pessoas de forma mais direta. O teatro, a música, a pintura, a dança e todas as outras formas de Arte, podem contribuir para a consolidação da aprendizagem interligada às normas de conteúdo, elevando os conhecimentos a despeito de valores, cultura, informação e a vida como um todo.

Consideramos, portanto que o ser, o viver, o criar ocorre num processo de socialização, ao se trabalhar com o aqui e o agora é impossível achar que o sucesso ou o fracasso na aprendizagem não está ligado a sua relação com o outro. É nesse sentido que focamos as aulas propostas para a realização da Oficina de Teatro, onde executamos exercícios potencializando os sentidos e a motricidade dos alunos.

A dimensão da importância da Arte para a educação inclusiva, não necessita de tradução, bastando apenas sua aplicação no interesse em se evoluir e transformar o homem desejoso de um espaço na sociedade, para poder ser útil com seu potencial e talento. Através da Arte podemos trabalhar as diferenças, limitações e dificuldades.



Simples elementos como os movimentos, a música, os ritmos, a interpretação são valiosos instrumentos ao desenvolvimento do deficiente intelectual, com um poderoso dom de elevar a auto-estima e a integração social, melhorando a comunicação no lar e na comunidade.

## **2. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

### **2.1. Deficiente Intelectual - Definição**

Antes de darmos continuidade às nossas reflexões, devemos definir de forma clara o que vem a ser Deficiência intelectual. Segundo a Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto nº 3.956/2001, em seu artigo 1º, define deficiência como [...] “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”.

Na área da pedagogia a deficiência intelectual ou atraso mental é uma expressão utilizada quando o indivíduo apresenta certas limitações no seu funcionamento mental e no desempenho de tarefas como as de comunicação, cuidados pessoal e de relacionamento social, provocando lentidão na aprendizagem e no desenvolvimento pessoal, podendo necessitar de mais tempo para aprender a falar, a caminhar e a aprender a cuidar de si própria.

Não podemos esquecer ainda do lado econômico e social, visto que a maioria dessas pessoas vive em condições desfavoráveis, sem tratamento adequado, sendo cuidados em seus domicílios, sem recursos e desprovidos de condições para gerar renda, dependendo exclusivamente de seus familiares.

Quase sempre a deficiência intelectual é resultado de uma alteração na estrutura cerebral, provocada por fatores genéticos, na vida intra-uterina, ao nascimento ou na vida pós-natal. Essas pessoas são dependentes de cuidadores, necessitando de atendimento multiprofissional, como médico fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, musicoterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogo, entre outros, para auxiliar na diminuição de problemas decorrentes da deficiência.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a deficiência intelectual divide-se em vários graus como: profunda, grave/severa, moderado/média, leve/ligeira, sendo importante ressaltar que, muitas vezes, mesmo utilizando recursos avançados para se chegar ao diagnóstico, não é identificado com clareza a causa da deficiência intelectual.

Para Jean Piaget a inteligência é um prolongamento da adaptação orgânica, o progresso da razão consiste numa conscientização da atividade organizadora da própria vida, sendo que possivelmente o deficiente intelectual não consegue aprender algumas coisas como qualquer pessoa, que também não consegue aprender tudo.

Vigotsky (1989) defende que não é apenas a deficiência biológica que define o desenvolvimento das pessoas, e sim as consequências sociais dessa deficiência, entre as quais, o isolamento, a falta de perspectiva do próprio sujeito e daqueles que o cercam, como a família. Assim vemos que a escola tem um fator preponderante na formação não só dos indivíduos comuns, ditos “normais”, mais também daqueles que ficam às margens da sociedade como os deficientes intelectuais, sendo fundamental que os educadores busquem caminhos e outros campos de conhecimento para romper com esse preconceito.

Para os estudiosos o grande desafio está em identificar as patologias que tem a deficiência mental como expressão de seu dano, já que existe, segundo a Associação Americana de Deficiência Mental um conjunto de mais de 200 tipos de problemas mentais e entre as mais comuns estão a Síndrome de Down e a Paralisia Cerebral, variando os seus efeitos. A APAE de Itapetininga contudo, trabalha com uma variação grande de deficientes intelectuais, sendo poucos os Down que frequentam a entidade.

Existe a deficiência intelectual nata e a adquirida, sendo que também pode ser proveniente de uma doença, mesmo não sendo contagiosa. O atraso cognitivo não é um sofrimento psíquico como a depressão ou a esquizofrenia, esperando, que quando estimulada e trabalhada ocorra um progresso em seu estado.

É certo que existem vários graus de deficiência, mas observando o grupo de 24 (vinte e quatro) alunos da APAE de Itapetininga e segundo a Organização Mundial de Saúde, a maioria das pessoas com deficiência intelectual tem plenas condições de aprender utilidades para o seu bem estar, sua vida em família, na escola e na sociedade, necessitando apenas de regras, tempo e apoio para o seu desenvolvimento, sendo a inclusão imprescindível para isso.

## **2.2. Como vem acontecendo a Inclusão do Deficiente Intelectual nas Escolas**

Sabemos que as nossas ações têm o propósito da sobrevivência, sofrendo, através dela, adaptações sociais e culturais, constituindo assim a história, onde não vivemos para criar uma história e sim a história existe em função das nossas ações.

Essas ações não são naturais, não nascemos sabendo delas, aprendemos ao longo de nossas vidas e isso também acontece com os deficientes intelectuais, cujo o aprendizado se dá não porque as ações são repetitivas, mas porque se apropriam do seu significado social.

Temos que valorizar o processo de aprendizagem, valorizar as ações peculiares, a maneira de aprender, agir, as relações dos seus atos, sendo de responsabilidade da escola, aproximar e não afastar essas pessoas, proporcionando e não negando conhecimento, enfatizando suas competências e valorizando conquistas. Conforme destacam Ferreira e Ferreira “... podemos nos orientar por uma tendência [...] na qual se coloca menos ênfase nos aspectos orgânicos e de constituição biológica [...] e mais ênfase nas relações sociais e na atenção educacional” (2004, p.41).

Desde o ano de 1961, com a criação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estamos lutando para que a inclusão seja instituída e de fato vemos que ocorreram evoluções nesse segmento.

Em 2008, a Prefeitura de São Paulo, através de sua Secretaria Municipal de Educação criou um documento denominado Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual, destacando que a presença de alunos com deficiência intelectual em ambientes comuns de aprendizagem é uma conquista da escola brasileira, podendo permitir o reconhecimento em compartilhar experiências educacionais significativas, capazes de destacar a dimensão constitutiva da escola para o desenvolvimento humano, através da construção de espaços mistos de aprendizagem.

Esse mesmo documento ressalta que cabe ao meio escolar se organizar para explorar as esferas da atividade simbólica, num processo dialógico, possibilitando transformações do funcionamento intelectual, a todos, ou seja, alunos com e sem deficiências, criando com isso

um referencial a professores da rede municipal de ensino, que necessitam de apoio e instruções para um trabalho efetivo em sala de aula.

Um estudo sobre a Educação Inclusiva em escola pública, realizado pelas alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, Jacqueline M.de Hollanda e Simone Maria de A. Barbosa, nos mostra que o processo educacional na escola inclusiva também é social, visto que aos deficientes deve ser dada a oportunidade em obter uma boa educação em classe regular, dando a possibilidade da socialização, garantidos pela constituição de 1988.

Maria Teresa Egler Mantoan (1997) nos mostra que o princípio de democratização de “educação para todos” só se concretiza nos sistemas educacionais especializados com todos os alunos e não apenas com os deficientes, visto que a escola é a parte de um segmento da nossa sociedade, onde os deficientes são atendidos. Os outros dois segmentos são a saúde e assistência social, necessitando também que essa dita “inclusão” seja efetuada por todos os setores que englobam a nossa sociedade.

As escolas continuam sem entender que os alunos com deficiência intelectuais necessitam da inclusão, mas também precisam de uma educação diferenciada. Vemos que muitas escolas ainda desconhecem isso e a qualquer custo introduzem esses alunos em salas regulares, sem nenhum planejamento ou preparação, acreditando que estão exercendo a inclusão.

Acredito que devemos tratar os deficientes intelectuais como iguais, pois eles o são, contudo requerem um amparo especializado, com professores capacitados e competentes para recebê-los, não apenas em sala de aula, mas em todos os momentos da escola. Isso depende de uma melhor formação de professores, melhor estrutura física das escolas, materiais didáticos, informações por parte de Diretores, da conscientização da sociedade etc.

### ***2.2.1. O progresso do deficiente intelectual com a arte***

Com já mencionado anteriormente, sabemos que as pessoas portadoras de deficiência intelectual têm um desenvolvimento intelectual mais lento, não querendo dizer que o seu desenvolvimento fique estagnado em algum de seus estágios, visto que não existem limites pré- estabelecidos. O que vemos é que a estimulação com atividades que lhes dêem prazer,

despertando a curiosidade, a atenção e o interesse, auxilia amplamente no desenvolvimento de suas capacidades funcionais de sentir, pensar e agir.

Portanto, podemos concluir que a Arte em seus vários segmentos, como a Dança, a Música, o Teatro etc, podem ser instrumentos de estímulo, ao desenvolvimento do corpo e da mente dessas pessoas, onde os contatos com novas formas de expressão de idéias, sentimentos e movimentos, desencadeiam a aquisição de novos conceitos.

Vemos que “a deficiência muitas vezes isola a criança do mundo tanto no que diz respeito a sua participação, quanto à compreensão dos fatos. A arte pode neste caso, assumir um importante papel como facilitadora de comunicação”. (ZIMMERMANN, 1992), pois através dela o deficiente intelectual, conquistando novas maneiras de relacionar a fantasia e a realidade, supera as dificuldades existentes, construindo assim, novas perspectivas para o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e também físico e esse progresso conseguimos alcançar com a implantação da Oficina de Teatro., com alguns alunos participantes., onde ocorreram melhoras na motricidade, na forma de tratar os colegas e na concentração em sala de aula.

### **2.3. O Ensino da Arte na Educação para Deficientes no Brasil**

Conforme mencionado por Augusto Boal (1931) a Arte recria o princípio criador das coisas criadas e partindo deste princípio, vemos que a Arte é inerente a todo ser humano e deve estar disponível, ao alcance de todo e a qualquer individuo portador ou não de alguma deficiência, pois auxilia na formação e reorganização de sua vida, limitações, dificuldades e diferenças, principalmente nos ambientes escolares.

Vemos também que :

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2006).

Perguntamos então: Por que a Arte não faz parte da vida de todo e qualquer indivíduo?

De acordo com a Constituição Brasileira todos os brasileiros têm garantido o direito de por intermédio da Arte vivenciar sua própria Cultura e a dos outros, independente do nível intelectual e/ou a diferença física, mental ou social. Vemos que o poder público no Brasil está muito aquém do que necessariamente teríamos direito, devendo a sociedade de modo geral se preocupar mais em como ensinar a Arte, propiciando meios para que nossos professores possam desenvolver a capacidade de compreender e vivenciar mais a Arte, pois sem o contato direto com ela nenhuma pessoa poderá ensinar .

Dentro da entidade que realizamos as nossas pesquisas, sentimos a existência de um certo preconceito com relação ao ensino da Arte, que é utilizada apenas como uma ferramenta terapêutica, onde os trabalhos manuais tem maior importância, muito embora saibamos do grande benefício que a oficina de teatro traria para o desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos, o que não é uma realidade apenas da APAE de Itapetininga,

Vemos que muitos professores são levados a improvisar e em consequência disso o aprendizado da Arte foi ficando em segundo plano, não tendo a valorização devida, como expressão pessoal e como cultura para o desenvolvimento individual do aluno.

Através da Arte podemos desenvolver a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, conquistar a capacidade crítica, analisar a realidade e adquirir senso de criatividade, desenvolver na pessoa com deficiência diversas potencialidades.

Os deficientes intelectuais são, geralmente, afastados do convívio social e a escola torna-se o único espaço onde possam viver plenamente suas experiências, tendo a oportunidade de efetuar trocas, de se relacionarem. A Arte é um instrumento verdadeiramente potente para o desenvolvimento cognitivo, físico e mental dessas pessoas, onde o aluno pode aprender também matemática e português.

É imensamente complexo o desafio de se incluir e não apenas aceitar alunos com necessidades especiais nas escolas, seja qual for a deficiência. Vemos que a configuração atual do sistema educacional em nosso país é carente na formação de professores, bem como os recursos financeiros são insuficientes.

Garantida pela Lei de Diretrizes e Bases, o ensino de Artes nas escolas regulares deve acompanhar a inclusão escolar, visto ser perfeitamente adaptável para pessoas com diferentes deficiências, pois é um instrumento que permite que a ponte entre a imaginação e a realidade

seja construída, funcionando como um elemento facilitador e propulsor na construção da criação de conceito, favorecendo a auto-expressão e a comunicação direta.

A busca de soluções e a falta de conhecimento para sanar urgentemente a garantia dos direitos de todos à educação contribuíram para que alguns estabelecimentos de ensino optassem por soluções momentâneas, envolvendo adaptações como currículos, avaliações, atividades em sala de aula em prol dos deficientes etc. Essas adaptações continuam ainda sendo empregadas, com relação a Educação Especial, principalmente com alunos deficientes intelectuais.

Esses arranjos servem como reguladores externos da aprendizagem e se baseiam nos procedimentos de ensino que norteiam o que falta ao escolar de uma turma comum, interferindo de certa forma, através do entendimento do professor, na capacidade de aprendizagem do aluno deficiente.

### **3. METODOLOGIA**

A Oficina de Jogos Teatrais, desenvolvida na APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itapetininga, foi criada a partir da necessidade que os dirigentes, terapeutas e professores observaram no decorrer dos anos, o desenvolvimento cognitivo e também social apresentado pelos alunos, com idade entre 15 e 24 anos, com problemas intelectuais similares, onde a coordenação motora, a atenção, a comunicação e o relacionamento estavam enfraquecidos pela falta de estímulo.

Em contato com alunos que apresentam uma variedade de deficiências intelectuais em graus diversos, muito embora não tivéssemos tido acesso aos prontuários dos alunos e com o auxílio da Professora de Artes Voluntária na entidade, Karina de Oliveira, que ministra aulas na Oficina de Jogos Teatrais, propomos a mediação entre aluno – professor e família, com a intenção de melhorar o relacionamento social.

Ao efetuarmos em conjunto com a Professora de Artes Karina, o planejamento das aulas, priorizamos num primeiro momento, a prática de atividades lúdicas com jogos teatrais para que os alunos desenvolvessem os aspectos cognitivos, de acordo com a sua realidade,

com exercícios e jogos básicos, utilizando o próprio corpo como instrumento de comunicação, dando ênfase à coordenação motora, bem como ao contato físico entre os alunos.

As aulas ocorrem todas as sextas-feiras, no horário das 08:30 às 10:00 horas, com duas classes compostas por 12 alunos cada, em salas de aula, no Ginásio de Esporte e ao ar livre, acompanhados por seus professores regulares, .

O trabalho de campo foi executado através dos instrumentais compostos do Anexo A e B, para sentir e analisar o desenvolvimento, as dificuldades e o progresso antes e depois dessas oficinas, bem como leitura e análise de literatura relacionada ao Teatro, Jogos Teatrais e Deficientes Intelectuais, além de fotografias para registro.

A aplicação dos questionários foi feita de forma alternada, onde aproveitamos a realização da reunião mensal de pais para expor a nossa proposta e assim obter informações sobre os alunos e suas famílias, que apesar do desconhecimento da importância da Oficina, se prontificaram a me atender. No decorrer das aulas, voltamos a ter contato com os pais, que responderam novamente as questões formuladas.

Já com relação às aulas, a aplicação dos exercícios foi executada de forma lenta num primeiro momento, devido a resistência de alguns alunos (por vergonha, insegurança de não executar o exercício proposto etc), mas que ao longo do tempo foi desenvolvendo a criatividade e a vontade de participar das práticas com os colegas.

Os exercícios foram planejados focando ações simples de motricidade, imaginação e socialização, onde o contato foi trabalhado, para o desenvolvimento da socialização.

### **3.1. Desenvolvimento dos trabalhos**

Os questionários foram construídos a partir da análise dos objetivos da pesquisa a ser realizada, os conteúdos das perguntas atentaram para as questões sócio – econômica e culturais tanto dos professores quanto dos pais dos alunos, a visão quanto a cultura, mais precisamente o teatro, a participação em eventos na instituição, permitindo aos respondentes a privacidade para expor suas idéias.



Para os profissionais da instituição, o questionário focou questões como : especialização na área de deficientes, relacionamento e tempo de convivência com o aluno, se tem afinidade com as artes, mais especificamente com o Teatro.

Optei para a escrita das respostas e também questões de múltipla escolha, por ser de fácil aplicação e para facilitar o ato de responder, já que a maioria dos pais tem baixa escolaridade e também falta de tempo, bem como interesse em dar informações.

Todos os participantes foram previamente informados sobre as finalidades e procedimentos da pesquisa, sendo que o local de coleta de dados foi a instituição. Os pais foram convidados através de uma reunião de pais ocorrida também na APAE.

Com referência as entrevistas efetuadas com o Diretor, Professores e Funcionários, ressalto que tanto o Diretor quanto os professores tem um bom relacionamento com os alunos, são preocupados com a saúde física e mental deles, se prontificam a ajudar no que for necessário para o bem estar deles.

A Diretora não tem especialidade na área, contudo detém mais de vinte anos na área educacional, trabalhando com deficientes mentais, está atuando a três anos na instituição.

As professoras entrevistadas foram Nair e Gracielle, as duas com pós- graduação em deficiência mental, sendo que a Professora Nair tem mais de 10 anos dando aula na APAE. Já a Prof. Gracielle está na instituição há 02 anos, ganham de 3 a 5 salários mínimos. As duas têm em média 12 alunos, ministrando aulas para salas mistas. A Prof. Nair possui a sala de Ensino Fundamental e a Prof. Gracielle trabalha com a sala denominada Sócio educacional onde a idade é bem variada indo dos 11 aos 23 anos.

São profissionais qualificadas, interessadas no desenvolvimento e no progresso de seus alunos, ficando satisfeitas e muito empenhadas em participar junto com os alunos na Oficina de Jogos Teatrais, para além de estimular, auxiliar a Professora Karina, diante de algum problema de relacionamento ou entendimento com os alunos, já que as duas classes têm dificuldades de relacionamento.

Tivemos entrevistas também com alguns funcionários da instituição, como faxineira, atendente de cozinha e uma escrituraria, onde observamos que todas que trabalham na instituição não têm formação na área para atuar com deficientes, utilizando-se da experiência e vivência cotidiana com esses alunos, sendo observado que não freqüentam e não dão valor para o Teatro enquanto ferramenta para o desenvolvimento desses. A maioria dos funcionários convive há mais de quatro anos com esses alunos.

Com relação à entrevista efetuada com os pais, utilizamos como foi dito acima, uma reunião de pais que é feita mensalmente, para dar informações a respeito de progressos e problemas que os alunos apresentam durante o mês.

O nosso alvo era entrevistar os pais dos alunos das duas classes das Professoras Nair e Gracielle, sendo um total de 24 alunos. Só que muitos pais faltaram à reunião e pudemos ter contato com inicialmente 13 pais, onde detectamos que:

- . 10 pais tem baixa escolaridade;
- . A maioria é da classe social baixa;
- . 80% já foram ao teatro, assistiram espetáculos ou os filhos já participam de alguma encenação por parte da instituição;
- . Não conhecem jogos teatrais ;
- . Acham interessante a participação do filho em atividades promovidas pela APAE;
- . 11 dos 13 pais não notaram nada de diferente no comportamento de seus filhos com relação à participação na Oficina.
- . 02 pais acham que seus filhos tiveram mudança de comportamento, no que diz respeito à mobilidade, observam mais o que as pessoas falam e estão mais atentos.

Conforme demonstrado no Anexo C, as aulas foram desenvolvidas fugindo um pouco do planejado, já que tivemos que repetir vários exercícios a pedido dos alunos, que responderam muito bem ao proposto, como por exemplo imitando animais, criando formas com seus corpos e trabalhando em grupo quando solicitado.

## CONCLUSÃO

Os jogos e as brincadeiras são ferramentas que devem ser desenvolvidos na escola como um recurso pedagógico, pois além de contribuir para a criação de regras de comportamento, atua no desenvolvimento proximal, o aluno consegue realizações numa situação de jogo, o qual ainda não é capaz de realizar numa situação de aprendizagem formal.

Embora com um curto período de existência (6 meses) essa Oficina de Jogos Teatrais, que começa através de um trabalho voluntário, com profissionais não qualificados na área de Teatro, desenvolvendo exercícios de forma individual e visando também o estímulo do trabalho em grupo e a necessidade de contato com o outro, está despertando nos alunos o desejo de se relacionar, além de ser visível o desenvolvimento motor e cognitivo.

Há muito a trabalhar com esses alunos, a colaboração dos professores é imprescindível, o estímulo dos pais deve ser mais acentuado, pois como Vigotsky (1989) defende, não é apenas a deficiência biológica que define o desenvolvimento das pessoas, mas também as condições sociais impostas a esses deficientes, entre elas, o isolamento, a falta de perspectivas do próprio sujeito e daqueles que o cercam. A estimulação pelo jogo pode ajudar a melhorar a convivência social e a qualidade de vida desses alunos e de suas famílias.

A observação do comportamento desses jovens perante os jogos, nos trouxe a comprovação daquilo que sempre acreditamos, salientando ainda mais a necessidade de se ter professores e funcionários comprometidos e informados, unidos com a direção da escola e todos que convivem com o aluno, sendo imprescindível a família, para o real desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Os jogos teatrais são ferramentas que podem e devem ser utilizadas nas escolas, não só para deficientes intelectuais, pois valorizam a espontaneidade, expondo a sinceridade através do jogo, exercitando a emoção e como Slade (1978) propõe, o jogo pode fornecer aos jogadores “uma válvula de escape, uma catarse emocional”, que certamente lhes dará experiência emocional, prática muito favorável ao desenvolvimento social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença: deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1977. Coleção Teatro Hoje, vol. 30.
- FERREIRA, M.C.C. e FERREIRA, J. R. **Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas**. GÓES, M.C.R. e LAPLANE, A.L.F. (orgs.) Políticas e Práticas de Educação Inclusiva, 2004, p. 21-48.
- HUIZINGA, Johan. **Homos ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. Editora Perspectiva : 1984
- MACEDO, L. **Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Arte/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1997.
- MEC/SEF/SEESP. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/ Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial - Brasília : MEC/SEF/SEESP, 1998.**
- MENDES, E. G. **Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Contribuições da pesquisa e desenvolvimento de aplicações para o ensino inclusivo de deficientes mentais**. In: **A Integração da Pessoa com Deficiência**. São Paulo: Memmon, 1997.
- PIAGET, J. (1946). **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PESSOTTI, Isaias. **Deficiência Mental: da Superstição à Ciência**. São Paulo: Quatroz/EDUSP. 1984.
- SADALLA, A. M. (1997). **Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações**. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, F.C.T. (2001). **O jogo**: procedimento didático especial no ensino do deficiente mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 7, nº 1. Marília.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Tradução de Tatiana Belinky, São Paulo : Summus, 1978 – v.2

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo. Perspectiva, 1979. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos.

VIGOTSKI, L.S; LURIA A. R; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, 5ª Ed. São Paulo: Ícone, 1994.

ZIMMERMANN, Elisabeth B. **Integração de Processos Interiores. Desenvolvimento da Personalidade**. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, Campinas, 1992.

#### **Sites consultados :**

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-8.pdf> -acesso 05.05.2011

<http://www.wikipedia.org/> - acesso 07.06.2011

<http://www.arteducacao.pro.br/Artigos/anais.htm> - acesso em 01.09.2011

<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf> - acesso em 02.09.2011

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> - acesso em 04.09.2011

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf> - acesso em 04.09.2011

<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-contribuicao-do-ludico-para-as-criancas-com-deficiencia-intelectual-3236307.html> - acesso em 05.09.2011

<http://inclusaobrasil.blogspot.com/2007/10/o-que-deficiencia-intelectual-ou-atraso.html> acesso em 28.10.2011

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia\\_mental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia_mental) acesso em 28.10.2011

[http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdEspecial/Referencial\\_Avaliacao\\_Aprendizagem\\_DeficienciaIntelectual.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdEspecial/Referencial_Avaliacao_Aprendizagem_DeficienciaIntelectual.pdf) - acesso em 29.10.2011

[http://www.portaldainclusao.com.br/admin/wp-content/uploads/2009/03/educacao\\_inclusiva.pdf](http://www.portaldainclusao.com.br/admin/wp-content/uploads/2009/03/educacao_inclusiva.pdf) - acesso em 30.10.2011

<http://www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/01.htm> - acesso em 30.10.2011

<http://saci.org.br/?modulo=akemi&parametro=7995> acesso em 19.11.2011

[http://www.pestalozzi.org.br/asp/historia\\_helena.aspx](http://www.pestalozzi.org.br/asp/historia_helena.aspx) - acesso em 19.11.2011

## ANEXO A

### 1. Entrevista com Diretor, Professores e funcionários da APAE

A entrevista teve como objetivo a coleta de informações sobre os profissionais que atuam na instituição, seu nível sócio econômico e cultural, bem como o relacionamento que mantém com os alunos na entidade, sendo este instrumental de auto-preenchimento, permitindo privacidade e liberdade de respostas.

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Estado Civil: \_\_\_\_\_ 3 – Filhos? \_\_\_\_\_

4- Idade: \_\_\_\_\_ 5- Nacionalidade: \_\_\_\_\_

6- Residência: \_\_\_\_\_

7- Profissão: \_\_\_\_\_ 8 - Escolaridade \_\_\_\_\_

9- Se tem nível superior, possui especialização na área de Deficientes? ( ) sim ( ) não

10- Com relação ao aluno da APAE você é:

Diretor ( ) Professor ( ) Funcionário da Entidade ( )

11- A quanto tempo convive com o aluno ? \_\_\_\_\_

13. O aluno em questão é alfabetizado? ( ) sim ( ) não

14. Ainda sobre o aluno, freqüenta ou já assistiu alguma peça teatral ? ( ) sim ( ) não

15. Você já foi ou freqüenta Teatro? ( ) sim ( ) não

12- Você gosta de Teatro ou outro tipo de Arte? Qual? \_\_\_\_\_

13- Qual a sua renda familiar?

01 a 02 salários mínimos ( )

06 a 08 salários mínimos ( )

03 a 05 salários mínimos ( )

Mais de 09 salários mínimos ( )

## 2. Entrevista com Pais de alunos da APAE

Este instrumental visa à coleta de informações sobre os alunos que freqüentam a instituição, vistos pela ótica dos pais, com dados sobre a situação sócio econômica da família, suas predileções culturais, participação da vida cultural na instituição, bem como, dados sobre o comportamento do aluno na vida cotidiana dentro e fora da entidade, antes e depois da participação na Oficina de Jogos Teatrais.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pai/ Responsável pelo aluno: \_\_\_\_\_

1-Nome: \_\_\_\_\_

2. Endereço : \_\_\_\_\_

3. Idade : \_\_\_\_\_ 4. Profissão: \_\_\_\_\_

5. Escolaridade: \_\_\_\_\_ 6. Quantidade de filhos : \_\_\_\_\_

7. Você gosta de teatro ? \_\_\_\_\_

8. Já assistiu a alguma peça de teatro? \_\_\_\_\_

9. Você sabe o que são jogos teatrais ? \_\_\_\_\_

10. A quanto tempo seu filho (a) frequenta a APAE ? \_\_\_\_\_

11. Que tipo de deficiência seu filho (a) apresenta ?  
\_\_\_\_\_

12. Seu filho (a) participa das atividades festivas e comemorativas que a APAE promove?  
Quais ? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

13. Seu filho (a) comenta em casa sobre as atividades referentes a Oficina de Jogos Teatrais que está participando na APAE ? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14. Seu filho (a) gosta de participar dessas atividades ?  
\_\_\_\_\_

15. Você percebeu mudanças de comportamento desde a participação de seu filho (a) na Oficina de Jogos Teatrais ? Quais ?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

16. Você acha que ele (ela) deve continuar a participar ? Por que ?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**ANEXO B****Plano de trabalho**

## 1ª fase

Período	20.4 a 29.4	06.5	13.5	20.5	27.5	03.6	10.6	17.6	24.6
Etapas									
Leitura da literatura que aborda a Def. Intelectual	X								
Contato com a APAE	X								
Visita às classes para conhecimento dos Professores e Alunos		X							
Elaboração - questionário para Diretor, Professores Func. e Pais de Alunos			X	X	X				
Análise dos questionários					X	X	X		
Observação da aplicação das Of. de Jogos Teatrais					X	X	X	X	X

## 2ª fase

Período	01.07	08.07	15.07	17.07
Etapas				
Interação com alunos de Escolas Públicas	X	X		
Reunião com os pais dos alunos			X	
Reunião com os Professores e avaliação final				X



## ANEXO C

### Plano de Aula

a) - Material didático:

Sala de aula ampla, desprovida de carteiras e cadeiras ou ao ar livre;

Um aparelho de som pequeno; CD de músicas suaves e de relaxamento;

b)- Objetivo geral: Conhecer e relacionar-se mais descontraidamente com o grupo

c) - Objetivos específicos:

. Estimular a expressão verbal;

. Desenvolver a descontração individual e conseqüentemente do grupo;

. Relacionar-se com o grupo através do contato físico

. Ampliar a capacidade de diálogo e de troca entre os participantes do grupo

d) - Procedimentos:

#### Aula 1

1 - Aquecimento :

. Num único círculo, solicitar aos participantes que procedam a um alongamento, primeiro das mãos, na seqüência - braços, pernas, tronco, pescoço;

. Posteriormente soltar os braços e saltitar (inicialmente no lugar, depois virando em círculos);

. Todos batem palmas de forma pausada, depois alguns estalam os dedos e outros batem com as mãos nas coxas ( a intenção é a produção de um som parecido com o de uma chuva leve, depois média e finalmente uma chuva forte), num conjunto harmonioso.

Resultados obtidos:

O Grupo teve que efetuar várias vezes o exercício para se chegar a um resultado, visto que o grupo não está acostumado a fazer exercícios de coordenação motora. Alguns desistiram dos exercícios, mas a maioria dos alunos tentou efetua-los até o final, não com a harmonia esperada e sim com a alegria de produzir sons antes não percebido por eles.

2. Apresentação pessoal

. Realizar a atividade com o grupo todo

Exercício 1

. Os alunos caminham de forma livre, pela sala, em ritmo rápido, buscando ocupar o maior espaço possível.

- . Cada um fala bem alto, mantendo o ritmo da caminhada, por exemplo: “Meu nome é João, tenho 14 anos, gosto de animais, musica sertaneja e futebol.
- . Cada um vai repetindo a sua frase;
- . Algum tempo depois pedir para que se altere o ritmo, tornando-o normal, acelerado ou lento.
- . Ao comando do mediador ficar estático e em silêncio, olhando uns aos outros.

#### Resultados obtidos:

Um exercício simples, mas que devido a condição do grupo a atenção e a concentração para a realização do jogo foram imprescindíveis, causando, de inicio frustração em 02 alunos que não conseguiam executar o jogo de forma correta, mas que ao final auxiliou muito na descontração do grupo, porque um ajudava o outro a executar o proposto.

#### Exercício 2

- . Pedir para o grupo sentar em circulo, descontraidamente.
- . Um aluno de cada vez caminha ao redor do circulo, parando em frente a um colega do grupo.
- . Dizer o nome e fazer uma saudação (aperto de mão, abraço, beijo etc)

#### Exemplo:

- Eu me chamo Pedro. Pedro toca no ombro de Maria, e esta, após o cumprimento, levanta-se e vai de encontro a outro colega.
- . Após todos participarem da atividade, convidá-los a dizer o nome de cada um dos colegas.
- . Se houver esquecimento de algum nome, propor a repetição do exercício.

O debate final não é realizado e sim substituído por um exercício, onde verbalizando, todos ainda sentados em circulo, falam ao colega da direita uma palavra ou frase otimista, como por exemplo: felicidades, que você tenha um bom dia, saúde e paz etc.

#### Resultados obtidos :

Através de um bate papo, todos ainda sentados em circulo, foram um a um fazendo uma observação sobre as atividades realizadas, destacando o que mais lhe chamou a atenção, a seu modo, alguns com dificuldades, outros bem descontraídos e não querendo parar de falar. 02 dos alunos não quiseram verbalizar o que acharam da aula. Contudo percebi que as aulas pouco a pouco vão ficando mais descontraídas e quando conseguem executar os exercícios a contanto, querem repetir o exercício várias vezes.

## **AULA 02**

### **1 - Aquecimento :**

- . Em círculo, pedir aos alunos que flexionem os joelhos, contando até dez
- . Posteriormente alonguem as pernas e braços;
- . Rodem a cintura em meia lua – primeiro para a direita e depois para a esquerda;
- . Movimentar, na sequência, a cabeça em forma circular.
- . Finalizando soltar os braços e sacudir as mãos e pés.

### **2. Expressão gestual -**

#### **O Modelador**

O exercício proposto é realizado com dois grupos de 10 alunos cada.

- . Organizar os alunos dois a dois, um em frente ao outro, em duas filas paralelas.
- . Após um sinal previamente combinado, um aluno da dupla modela o outro conforme sua vontade, como se fosse um escultor.
- . Depois que a modelagem dos 10 componentes de uma fila estiver pronta, inverter os papéis dos componentes das duplas.
- . O aluno modelado não deve contribuir com idéias para a modelagem, mas apenas se deixar modelar. Deve também manter sua pose estática, até que todos tenham sido modelados.

#### **Pose**

Com os grupos ainda formados, um aluno de cada grupo fará uma pose que será o início de uma pose coletiva.

Instruí-los a tentar formar uma escultura com características bem definidas : uma árvore, fonte, ponte, igreja etc.

Os outros, por sua vez, vão se juntando ao primeiro.

O resultado final será uma única escultura formada com os corpos de todos.

#### **O debate final :**

Propor aos alunos um debate sobre a atividade feita, estimulando a discussão com as seguintes perguntas :

- O aluno modelador conservou a criação do modelador?
- Ficou definida a pose criada? Ela é identificável?

Resultados obtidos:

Através de um bate papo finalizando a aula, todos ainda sentados em círculo, vão um a um fazendo uma observação sobre as atividades realizadas, destacando o que mais lhe chamou a atenção -

O que acharam do exercício ?

O que mais chamou a atenção ?

Conseguiu identificar a pose criada ?

A aula foi muito positiva, despertando o interesse individual, surpreendendo o comportamento dos alunos que, cada um a seu modo, executou o que foi pedido, ressaltando a satisfação e o contentamento do grupo.

### **AULA 03**

#### **1 - Aquecimento :**

- . Sentar em círculo;
- . Abrir as pernas e apoiar os pés nos pés do colega do lado;
- . Em sentido horário, fazer um vai e vem com o tronco;
- . Esticar as mãos para cima, como se fosse pagar algo no ar;
- . Deitar no chão, todos esticados, alongando o máximo que puder;
- . Levantar-se lentamente .

#### **2. Expressão gestual**

##### **Movimento**

- . Organizar os alunos em grupo de dois para trabalhar simultaneamente;
- . Colocá-los frente a frente, à distância de um metro mais ou menos;
- . O primeiro aluno é o manipulador e o segundo é a marionete.
- . A um sinal dado, o manipulador movimenta fios invisíveis presos no corpo da marionete;
- . O segundo aluno deve agir exatamente como se os cordões estivessem presos a seu corpo e sendo movimentados;
- . Passados dois minutos, invertem-se os papéis da dupla.

#### **3. Expressão verbal**

##### **Procurando um ritmo**

Com o grupo de alunos já formados, um grupo atuará e os outros observarão. Depois que o primeiro completar a atividade, deverá ser feito um rodízio entre atuantes e observadores.

Em pé os alunos formaram um círculo.

Cada componente do grupo, individualmente, pronuncia uma palavra, com um determinado ritmo: normal, rápido ou lento.

Num segundo momento, cada aluno deve procurar ouvir os colegas e dizer a sua palavra, adequando-a ao ritmo dos demais, até que predomine um ritmo comum no grupo.

#### 4. Atividade global de expressão

##### Um mesmo corpo

Essa atividade é para o grupo todo, sem divisões.

Utilizar um pano grande ( 6 x 6 metros), com vários furos onde possa passar a cabeça.

Em conjunto enfiar a cabeça nos furos do pano esticado;

Propor ao grupo andar de um lado para o outro, com condução espontânea do grupo, como se um corpo tivesse inúmeras cabeças.

Tentar fazer movimentos coordenados, sem tirar a cabeça do pano.

Resultados obtidos:

Foi proposto aos alunos um debate sobre a atividade feita, estimulando a discussão com as seguintes perguntas:

- . Houve integração entre os alunos, ou seja, entre o manipulador e a marionete?
- . As palavras foram pronunciadas com uma duração de tempo normal, acelerada ou lenta?

Houve integração do grupo no exercício do pano? Conseguiram todos juntos andar de um lado para outro sem que esse ou aquele quisesse ir do lado contrário?

Tivemos a colaboração do grupo todo, cada um a seu tempo, sendo que surpreenderam, pois estando todos integrados, percebi que a aula fluiu bem melhor, as expressões e verbalizações no jogo foram espontâneas. Os movimentos sincronizados, ressaltando que devido à estimulação já executam os exercícios sem a necessidade de serem explicados de forma minuciosa.

Todos participam sem queixas, querendo a repetição dos exercícios como forma de mostrarem que sabem executá-los, levando isso para a sala de aula, principalmente o que diz respeito à observação e a modificação na forma de tratamento, diante dos colegas de classe e escola.

**FOTOS**

Foto 1 - Sala de aula da APAE



Foto 2 - Momento de aula da Oficina de Jogos Teatrais – área externa



Foto 3 - Jogo teatral sendo realizado – imitando animais





Foto 4 - aluno imitando animais – macaco



Foto 5 - Alunos e professores participando da Oficina